



Mulher, Liberdade e Vida

Somery 150

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/ CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP: AC/ CÂMARA LEGISLATIVA



L • E • T • R • A • S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I Nº 4 Brasília, 8 de março de 1993

O Festival de Cinema merece mais respeito.

Fellini faria aqui "Cidade das Mulheres"

Jornal de Brasília

A vida cultural do DF e suas mulheres

JOSÉ GALVÃO JÚNIOR-SONECA



NESTE ARTIGO, A JORNALISTA CONTESTA A IMPRENSA DO RIO E SÃO PAULO E MOSTRA ONDE PULSA O CORAÇÃO DE BRASÍLIA.

Quando os repórteres das Editorias de Cultura dos jornais brasilienses vão ao Rio (ou São Paulo) cobrir eventos de alcance nacional, costumam ouvir perguntas do tipo: "O que vocês fazem em Brasília? Há vida cultural por lá? Aqui, só ouvimos falar das (más) ações dos políticos no Congresso Nacional, na Esplanada dos Ministérios, nos Palácios do Planalto e Alvorada". É um custo convencê-los de que há outra Brasília fora do conjunto arquitetônico que Niemeyer incrustou na parte baixa do Eixo Monumental. Há uma Brasília que pulsa na UnB, no Teatro Nacional, no cinema da Cultura Inglesa e da Embaixada da França, no Teatro Dulcina, no Conjunto Cultural da CEF, nos clubes da AABB e AABR, no Cine Brasília, no Beirute e no Estação 109. Há, ainda, cidades-satélites que derramam vida civil, embora careçam de serviços de infra-estrutura em suas periferias.

Não adianta tentar convencer os colegas do Rio e de São Paulo de que há vida cultural em Brasília. Para eles, a cidade é sinônimo de falcatura de políticos, não tem esquinas, não tem cor. Só o verde da grama (na época das águas) e o cinza dos prédios. Na seca, tudo se resume ao cinza.

Festival — O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que este ano terá sua 26ª edição, é o único evento cultural da cidade que — ainda — mobiliza a imprensa cultural brasileira. Mesmo sendo o Festival mais antigo do País (foi criado em 1965, por Paulo Emílio Salles Gomes), não goza da fama que merece. É visto como um hiato na modorrenta vida cultural da cidade. Agora, com a crise do cinema nacional, então, virou nota curta em alguns suplementos dos mais importantes jornais do País. Mesmo que centenas de pessoas disputem ingressos para assistir aos filmes que programa. Um público — diga-se de passagem — participante, crítico, capaz de dei-

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

xar Cláudia Raia, nos tempos em que era musa de Collor, em maus lençóis. Banhada em vaias.

Houve um tempo em que Brasília ganhou espaço na mídia. Daqui saíram bandas de rock como Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude, Detrito Federal, entre outras. Com o boom do pop brasileiro, a cidade passou a ser citada como uma das matrizes do novo som que invadiu o rádio. A onda passou e Brasília voltou a ser — apenas — o celeiro (ou abrigo) de políticos "corruptos".

Não importa que aqui vivam — e trabalhem — artistas como Athon Bulcão, Glênio Bianchetti, Vladimir Carvalho, Geraldo Moraes, Pedro Jorge, os compositores Clodo, Clésio e Climério, a família Ernest Dias com suas flautas e violões; Jorge Antunes e Guilherme Vaz, com sua música contemporânea; Hugo Rodas, com seu teatro inovador. A imagem da cidade pertence aos políticos. E só a eles.

Mulher — Se Fellini conheces-

se Brasília, decerto ambientaria, aqui, a sua *Cidade das Mulheres*. E aplacaria muito do tom grotesco com que desenhou o filme. Afinal, nesta cidade, as mulheres desempenham papel de relevo. Mesmo que sejam poucas nos postos de mando na Esplanada dos Ministérios e nunca tenham comandado o Planalto. Mesmo que ainda sejam minoria no Congresso Nacional. Mesmo assim, elas estão na linha de frente na imprensa (nas redações, o número de repórteres do sexo feminino cresce cada vez mais), nos teatros, nos agito culturais, na busca enfim de uma imagem mais humana para Brasília.

Por isto, vale lembrar algumas mulheres que fazem o dia-a-dia desta cidade: Márcia Kubitschek, a vice-governadora; Lúcia Carvalho, Maria de Lourdes Abadia e Rose Mary Miranda, deputadas distritais; Maria Laura, deputada federal; Maninha e Érika Kókai, presidentes dos Sindicatos dos Médicos e Bancários, respectiva-

mente; Maria Duarte, a mais importante pesquisadora das especificidades candangas (autora do livro-tese *Educação pela Arte numa Cidade Nova: O Caso Brasília*); Lydia Garcia e seus agitos com a cultura afro-brasileira; Cristina Roberto e seus aprontos (primeiro no Bom Demais, depois no Café Belas Artes); Maria Luíza Dornas, titular da Fundação Cultural; Berê Bahia e o cinema alternativo: Myrea Soares, Marlene Libardoni e Ana Costa, postulantes por um feminismo novo e enriquecedor. Marilena Chiarelli, Teresa Cruvinel, Antonieta Goulart, no jornalismo. Norma Lília, Lúcia Toller e Asta Rose Alcaide, no campo da dança e da ópera. Leda Watson, na gravura; Eliane Carneiro, Yara Pietricowski, Johane Madsen, nas Artes Cênicas. Elas são tantas...

*Repórter do Caderno 2, do Jornal de Brasília. Mineira do Coromandel, 37 anos, há 23 em Brasília. Adora a cidade.

Mulher

CORREIO BRAZILIENSE

Com uma equipe formada por 14 pessoas, Mulher circula aos sábados com oito páginas. Sua primeira edição saiu no dia 20 de abril de 1991. Página.....

Mulher publica toda uma variedade de informações em bem planejadas seções. A "Mil e Uma", por exemplo, é dedicada à literatura. Página.....

Um espaço onde prevalece a boa informação

As pautas seguem uma linha polêmica

Sempre em busca da boa informação, o caderno MULHER do CORREIO BRAZILIENSE já nasceu maduro rompendo em sua concepção, com a tradição de mais de um século de jornalismo feminino no Brasil. Surgiu rejeitando aquela coisa velha e preconceituosa que se traduz no jargão "de mulher para mulher". Foi assim que nasceu o projeto da jornalista Liana Sabo.

Quentes e polêmicos, os assuntos ali tratados não são privilégios apenas das mulheres. Para circular aos sábados, com suas oito páginas, as pautas são democraticamente discutidas nas tardes de quinta-feira. E preocupam-se, sobretudo, com a boa informação. Assim, assuntos que, em princípio, seriam de interesse exclusivamente feminino ganham a atenção de todos. A maior parte dos leitores é de classe média alta e compõem-se tanto de mulheres quanto de homens. "A proporção, acreditamos, é meio a meio" — ressalta Lourenço Fráguas, subeditor.

Com uma equipe de 14 pessoas, entre as quais sete mulheres, MULHER teve seu primeiro número no dia 20 de abril de 1991. Na capa, a reportagem da chegada de Lady Di ao Brasil. Oito meses depois, no dia 28 de dezembro, o caderno inaugurava a impressão em cores no CORREIO BRAZILIENSE, com a deputada Rita Camata na capa.

Com o jornalismo solto, competente e profissional, MULHER também corre atrás dos furos jornalísticos. Com o sugestivo título de "Namoro à Mineira", suas páginas revelaram para o País a primeira namorada, Lisle Lucena. Números depois, a foto de capa foi o próprio presidente Itamar Franco. O título, maliciosamente feminino, era "Ele sem Ela".

Se as capas têm o seu charme e apelos próprios, as demais seções do MULHER encarregam-se de trazer uma miscelânea de informações, para

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, sábado, 27 de fevereiro de 1993

AGRICULTURA

Mulher 7

Difícil e dura é a vida da mulher no campo

No meio rural as mulheres enfrentam, de sol a sol, jornadas duplas e triplas de trabalho árduo

Genevieve Rulodias

Uma história de discriminações, dificuldades e de lutas. Talvez esta possa ser a melhor definição que se tenha para classificar a vida da mulher rural e sua participação na atividade agrícola. Enquanto no meio urbano as mulheres enfrentam dificuldades para compatibilizar a vida profissional com a doméstica, no meio rural a mulher trabalha efetivamente em jornadas duplas e até mesmo triplas. Dependendo da região onde ela mora, a situação pode mudar um pouco, mas a rotina diária geralmente é cuidar da casa, dos filhos, da produção agrícola tanto para subsistência como renda, em todas as suas fases, do plantio à comercialização. E com muito mais dificuldades, pois na maioria das vezes não há energia elétrica, saneamento básico, escola, transporte e atendimento à saúde. Lazer então, nem se fala. Quando ele existe, quase sempre se resume a ir à missa aos domingos.

"Como todo o trabalho feminino, o da mulher rural também é invisível à sociedade", afirma a pesquisadora Clara Goedert, do Cenargen, Embrapa. "Nos países em desenvolvimento, nos casos do pequeno e médio produtor, 60 por cento do trabalho na agricultura, incluindo plantio, colheita, armazenamento e processamento, são desenvolvidos pela mulher", diz ela.

Devido aos desgastes que sofre, a mulher



Clara Goedert



A atividade agrícola das mulheres revela um quadro de dificuldades e discriminações que a sociedade prefere ainda ignorar

rural enfrenta muito mais cedo problemas de saúde. Aos 40, 45 anos, começam os mais sérios. No campo, marido e mulher co-locados lado a lado, ela sempre parece ser mais velha, às vezes chega a ter a aparência de ser a mãe dele, mesmo com a mesma idade.

Programas — Quanto aos programas de atendimento à mulher rural, eles praticamente não existem, principalmente após o desmantelamento promovido no serviço público durante o governo do ex-presidente Collor. "Ao nível estadual, as atividades do gênero em geral são executadas pelos serviços de extensão rural (Ematers), que hoje, dependendo da visão do governo estadual, têm ações mais significativas ou não", afirma Dirce Maria da Fonseca, economista rural que durante quatro anos do Governo Sarney, desenvolveu um programa de apoio à mulher rural dentro do Ministério da Agricultura.

Esses programas, mesmo incipientes, conseguiram chamar a atenção e de alguma forma sensibilizar para os problemas específicos da mulher rural. Instituições predominantemente machistas como a própria Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais (Contag), passaram a estimular os sindicatos de trabalhadores rurais a organizarem comitês de mulheres para defenderem seus interesses. Neste final de semana, a Comissão Nacional das Mulheres Trabalhadoras Rurais está reunida na sede da Contag, em Brasília, para fazer uma análise da programação destinada a elas pela entidade. Atualmente, existem dois milhões de mulheres rurais sindicalizadas e em cada cinco sindicatos do setor, tem uma mulher na diretoria executiva, mesmo que seja exercendo o cargo de secretária.

Histórias escritas com suor e trabalho

Dona Rosa Maria de Menezes tem 56 anos e é natural de Abaeté, Minas Gerais. Ela mora numa chácara de nove hectares no Núcleo Rural Córrego do Atoleiro em Planaltina, onde cria porcos e galinhas e planta verduras e frutas.

Seu marido, Manoelito Alves Menezes, 59 anos, tem um problema na vista, o que limita um pouco suas atividades. É ela praticamente quem faz tudo dentro da chácara. Prepara e entrega para revenda de 200 a 300 molhos de cheiro-verde por dia, produção que chega a 500 molhos no final de semana. Além de cheiro-verde, a chácara produz couve, quiabo, alface, mandiocas, brócolis e manga.

O casal tem quatro filhos e oito netos, dos quais dois moram com a avó. Devido às suas inúmeras atividades, D. Rosa dorme uma média de três a cinco horas por dia. "Minha vida sempre foi na roça. Mas, de uns tempos para cá, ando ficando muito cansada e com dores por todo lado do corpo", queixa-se ela.

A região conta com luz elétrica, que foi "um sonho que conseguimos", diz D. Maria Ester Rodrigues da Costa, de 53 anos, que veio de Parauapebas, Pará, para Brasília há 25 anos. Desde 1978, ela e o marido, Raimundo Pereira da Costa, de 55 anos, moram numa chácara de dez hectares, onde plantam de tudo um pouco.

"Meus 11 filhos moram atualmente em Planaltina e nós, na roça, continuamos a lutar, agora para conseguir transporte", diz ela, relatando as dificuldades que enfrentam por ter um filho deficiente. A titularidade das terras é outra questão que os chacareiros da região esperam resolver ainda junto ao governador Joaquim Roriz.

Liderança — D. Ambrosina Dantas Bezerra tem 47 anos e casada há 12 anos e veio do sertão nordestino. Chegou em Brasília em 1972 e desde 1985 mora em zona rural, numa chácara de dois hectares, nas proximidades do Vale do Amanhecer e Morro da Capelinha, onde cria galinhas, porcos e planta arroz e milho.

Ela é um pouco diferente das demais mulheres de sua comunidade. Há um ano e meio, deixou um pouco de lado os seus afazeres de mulher rural e passou a presidir a Associação de Produtores da Fazenda Mestre D'Armas, em substituição ao seu marido. Tentou desenvolver seu trabalho especialmente junto às mulheres.

"Faço muitas visitas para tentar convencer as pessoas a melhorarem", diz ela, queixando-se da descrença de quem a ouve. "Elas não procuram o médico por vergonha e têm resistência para aceitar algumas novidades, como a adição de cloro na água", afirma.



Ester Rodrigues luta por transporte



Ambrosina Dantas militância isolada



Luci Choinaski: líder dos sem-terra



Dona Rosa Maria praticamente faz tudo sozinha em sua chácara, o que lhe custa noites sem dormir e muito cansaço

com quatro salas de aula para o ensino de primeiro grau, que com muito custo conseguiram construir. Mesmo considerando os cursos que a Emater promove no meio rural para entrar o pessoal, ela acha que as mulheres ainda resistem, não encontrando tempo para nada. "Agora, ando testando os jovens para ver se eles se entusiasman", diz.

Discriminação — "As características do trabalho da mulher no campo diferem de um lugar para outro", afirma Eliana Nollia, gerente de Economia Doméstica da Emater/DF, especialista em desenvolvimento de atividades junto às mulheres do meio rural nas áreas de alimentação, saneamento, saúde e artesanato.

Com 33 anos, duas filhas, ela mesma já enfrentou muito preconceito dentro da

própria instituição onde trabalha. "Sou a única gerente entre os homens. A vida de extensionista é muito difícil e até 1980, a empresa não contratava mulher casada. O próprio produtor olta com desconfiança o fato de a mulher ter que trabalhar, viajar com colegas, não ter horários, nem final de semana", afirma.

Num trabalho elaborado em 1991 para FAO, Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, Dirce Maria Fonseca, economista rural do Ministério da Agricultura, destaca que nos estados do Sul, as mulheres são mais organizadas e combativas. E conta que foi no Sul que elas fizeram uma campanha para a identificação da mulher rural como produtora no último censo e não como doméstica, o que se fazia até então.

Outra luta das mulheres do Sul é a de fazer constar seus nomes nos chamados bloco de produtor, que registra o imposto de venda dos produtos agrícolas, um comprovante importante da condição da mulher produtora.

Representação — "Não existe política governamental com relação à mulher rural", afirma Dirce Fonseca. Para ela, os movimentos que existiram até agora serviram, pelo menos, para conscientizar parte da população.

Mesmo com todas essas dificuldades, uma mulher agricultora conseguiu chegar à Câmara Federal. Trata-se da deputada federal, Luci Choinaski, PTSC, 35 anos de idade, separada, com quatro filhos com idades de sete a 19 anos.

Líder do movimento de mulheres agri-

Levantamento define o perfil

Até meados deste ano, a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais deverá fazer de um levantamento bastante interessante sobre as questões da mulher rural, baseado num questionário respondido por 700 agricultoras de diversos pontos do País.

Foram 76 perguntas abordando temas da saúde à cidadania, cujas respostas mostrarão um quadro mais real sobre a situação da mulher no campo, de acordo com Josefa Martins Reis, pedagoga e assessora da Confederação.

Além da reunião que está sendo promovida pela Comissão Nacional das Mulheres Rurais neste final de semana, o último encontro que reuniu 300 mulheres de 19 estados e do Distrito Federal aconteceu no final do ano passado em Brasília.

Questões emergentes — Saúde, educação e reestruturação agrícola foram as questões específicas levantadas pelas mulheres neste encontro nacional. O uso indevido de agrotóxicos e suas implicações, para a saúde, a sexualidade feminina, o trabalho agrícola, a vida familiar e a questão da luta e da organização das mulheres em sindicatos e Federação também foram abordados.

Mesmo com as conquistas obtidas pelas mulheres rurais na Constituição de 1988 referentes ao direito de titularização da terra, antes reservado apenas ao chefe de família, normalmente o homem; os direitos obtidos na Previdência Social e de livre sindicalização, não se pode dizer que estas conquistas sejam definitivas.

Outra luta das mulheres do oeste de Santa Catarina, ela começou sua carreira em 1982, quando entrou para o Partido dos Trabalhadores, elegendo-se deputada estadual em 1987.

"A mulher recebe uma formação para ser apenas uma ajuda ao pai e depois, ao marido. A luta das mulheres para sair desse processo de submissão é lenta, pois ela enfrenta problemas de toda ordem", afirma Luci Choinaski, que considera sua presença na Câmara Federal como um desafio para o conservadorismo de Santa Catarina.

Os preconceitos e toda a trajetória política de Luci acabaram sendo tema para uma tese de mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina. De autoria de Rosemary Laurindo, ganhou o nome de A primeira camponesa no Congresso.

todos os gostos. Notas, crônicas, culinária, moda, medicina, política e entrevistas, tudo ali concorre para uma leitura agradável.

O caderno MULHER oferece toda uma variedade de informações em bem planejadas seções. Familiarize-se com elas:

Maria — É uma coluna de notas que difere das antigas colunas sociais, posto que o que ali se publica é sempre de interesse da comunidade e nunca produto do "lobby" das socialites locais. É claro que nem por isso deixam de frequentá-la rostos bonitos.

Mil e Uma — Um espaço reservado à literatura. Contos e crônicas fazem deleite dos leitores.

Memórias — O nome já diz tudo. É aqui que reencontramos as velhas personagens que, vivendo no ostracismo, marcaram época na vida da cidade ou do País.

Malícias — Quem não gosta de ficar conhecendo alguns velhos e novos truques de como retocar a maquiagem ou esconder a primeira ruga?

Tradição — Atualmente, poucos jornais brasileiros dedicam um caderno a temas que, em tese, seriam de interesse exclusivo da mulher. Ao fazê-lo, o CB, com o projeto da jornalista Liana Sabo, aliou à modernidade o que existe de mais tradicional no jornalismo feminino brasileiro.

Segundo a jornalista Áurea Varjão, MULHER não é um caderno feminista. Nem exclusivo das donas-de-casas. É jornal para mulher, mas sem deixar de lado a procura do novo. Não o novo da notícia, mas o novo de uma identidade e ideologia próprias.

Na história do jornalismo feminino no Brasil, o primeiro jornal de que se tem notícia surge, em 1827, com essas mesmas características. "O Espelho Diamantino", do Rio de Janeiro, "é um periódico de política, literatura, belas-artes, teatro e moda dedicado às senhoras brasileiras". É o que nos relata o jornalista e escritor Gondin Fonseca, no seu livro "Biografia do Jornalismo Carioca".

A modernidade fica por conta de um bem cuidado projeto gráfico que abriga boas fotos e textos leves. E tudo isso você encontra no "MULHER" do CORREIO BRAZILIENSE.